

CARLO VITTORIO CATTANEO  
E A TRADUÇÃO TOTAL  
DE JORGE DE SENA EM ITÁLIA

*António Fournier*

*Ao C. V. Cattaneo*

*Poeta – invejo a tua juventude  
e a raiva dela com que afirmas  
quanto todo o amor é fictícia crónica  
de amor fictício.*

Jorge de Sena

A publicação em 2013 da troca de correspondência entre Jorge de Sena e Carlo Vittorio Cattaneo<sup>1</sup> veio iluminar não só a profunda relação de amizade que os unia, mas também o contexto mais amplo da lusitanística italiana desses anos (1969-1978), revelando uma surpreendente rede de intersecções entre os percursos de alguns dos seus principais protagonistas, pelo que o volume se impõe como um documento incontornável para a história das relações culturais, literárias e universitárias entre Portugal e Itália no último quartel do século XX. Deste precioso convívio epistolar, recorta-se com nitidez, no quadro que aqui mais nos interessa – a recepção italiana da poesia portuguesa – o percurso humano e intelectual de Carlo Vittorio Cattaneo (1941-1996)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> J. DE SENA e C. V. CATTANEO, *Correspondência 1969-1978* (ed. Mécia de Sena, Jorge Fazenda Lourenço, Joana Meirim), Lisboa, Guimarães Editores, 2013.

<sup>2</sup> Espera-se que se venha a concretizar um dia a projectada publicação da correspondência que Cattaneo manteve com Mécia de Sena após a morte de Sena, como a mesma anunciava no prólogo, para conhecer outros projectos do tradutor italiano que ficaram por concretizar: “Depois da morte de Jorge de Sena, mantive com Carlo Vittorio Cattaneo uma correspondência profícua. Estas cartas merecem, sem dúvida, uma posterior publicação, por dois motivos essenciais: por um lado revelam as várias fases da preparação, edição e reedição das obras de Jorge de Sena; por outro, apresentam os vários projectos literários de Cattaneo, nos quais a literatura portuguesa tem sempre um papel preponderante.”, *Ivi*, p. 13.

De jovem estudante universitário que era quando entrou pela primeira vez em contacto com a obra de Sena – a quem dedicou a sua tese de licenciatura orientada por Luciana Stegagno Picchio<sup>3</sup> e arguida por Giuseppe Tavani (“Una poesia di Jorge de Sena – Studio di strutture”, Università degli studi di Roma, 1970) – Cattaneo veio a afirmar-se nos anos seguintes, embora desempenhando uma profissão anónima e totalmente alheia ao âmbito universitário (era empregado nas Ferrovie dello Stato, na estação de Roma Termini<sup>4</sup>), como incansável divulgador da literatura portuguesa em Itália, num trabalho de mediação cultural a muitos níveis pioneiro, que não encontra paralelo entre os seus pares, mesmo os mais conhecidos lusitanistas italianos dessa época<sup>5</sup>. Para além

---

<sup>3</sup> Como refere Joana Meirim em nota, Cattaneo abandonou o projecto inicial de dedicar a sua tese de licenciatura à poesia de Carlos Drummond de Andrade (cf. J. MEIRIM, “Jorge de Sena, profeta em Itália”, *Ivi*, n.º 3, p. 22).

<sup>4</sup> Em carta datada de 13/10/1973, solicitado a fornecer dados pessoais, o tradutor informa Sena acerca da sua situação profissional: “Depois do liceu começou a trabalhar. Primeiro num estaleiro de trabalho para desempregados, como assistente. Depois na fábrica da Palmolive, como contabilista. Por fim, desde 1962, no Ministero dei Trasporti – Ferrovie dello Stato, como empregado.” (*Ivi*, p. 254). É quase paradoxal esta dupla personalidade de Cattaneo: anónimo funcionário estatal em Itália e reconhecido e respeitado em Portugal como tradutor italiano da literatura portuguesa. De resto, também Sena, enquanto viveu em Portugal, era engenheiro da Junta Autónoma das Estradas, do Ministério das Obras Públicas de Portugal.

<sup>5</sup> Em carta a Jorge de Sena datada de 12/1/1971, Luciana Stegagno Picchio comunica que deixou a universidade de Pisa e que assumiu a cátedra na universidade de Roma. Ficamos assim a saber que a lusitanística universitária em Itália, no início dos anos setenta, era composta por apenas quatro cátedras: “La cattedra di Lingua e letteratura portoghese presso l'Università di Roma finalmente istituita e attribuitami a partire dal 10 novembre 1970 mi libera finalmente dalla provvisorietà. Pisa è rimasta sguarnita; altre tre cattedre sono però state istituite in aggiunta a quella del nostro beneamato Rossi (Venezia, Lingue, Tavani – Bari Lingue, Macchi, Roma Lettere, io – Napoli, Orientale, Rossi). In quattro riusciremo a fare di più per la «difusão da cultura portuguesa na Itália e no mundo?»” (Veja-se <http://www.lerjorgedesena.letas.ufjf.br/antologias/escritos-pessoais/correspondencia-inedita-com-luciana-stegagno-picchio-e-carlo-vittorio-cattaneo>)

O comentário de Cattaneo em carta a Sena datada de 28/12/1977 deixa imaginar o jogo de forças desses anos entre os jovens “aprendizes de feiticeiro” que ambicionavam obter um posto universitário: “Digamos somente que começo a ser demasiado perigoso para todos os aspirantes a uma cátedra de português; em público, sou um «rapaz bastante prometedor», em privado sou «aquele temível adversário que publica livro atrás de livro». [...] O bom é que estou tão pouco interessado em certas maquinações universitárias, que não consigo sequer irritar-me verdadeiramente. De qualquer modo uma coisa é certa: sou considerado importante a ponto de ser temido. A coisa faz-me rir, dado que a actividade de lusitanista para mim é pouco mais do que um *bobby*.”, *ivi*, pp. 541 e 543.

do notável trabalho em torno da obra de Jorge de Sena, Cattaneo organizou, prefaciou e traduziu um número assinalável de colectâneas dedicadas a outros poetas portugueses nomeadamente Eugénio de Andrade, Herberto Helder, Vasco Graça Moura, Sophia de Mello Breyner Andresen, Al Berto, António Osório e Adília Lopes, sem esquecer a importante antologia *La nuova poesia portoghese* (1975) dedicada àqueles que eram na altura os “novos”<sup>6</sup>. Além de traduzir, empenhou-se sempre em contextualizar, comentar, filtrar a obra desses autores para um leitor italiano, naquilo a que Peeter Torop chamou de *tradução total*<sup>7</sup>. Como afirmou Manuel G. Simões, trata-se de “uma actividade que só se pode compreender como autêntica paixão de estudioso, o qual, com manifesta competência, estabeleceu um autêntico projecto de investigação sobre a poesia portuguesa dos anos 70-90 do século XX”<sup>8</sup>.

O presente trabalho pretende aprofundar alguns aspectos, vindos a lume com a publicação da *Correspondência*, da actividade intelectual de Cattaneo em especial na sua relação privilegiada com Sena, a qual tem a particularidade mais única que rara de ambos os intervenientes se colocarem, reciprocamente, embora em diferente medida, no papel de poetas e de tradutores da poesia um do outro<sup>9</sup>. Cattaneo traduziu para italiano quatro livros de Jorge de Sena: a antologia *Esorcismi* (1975), “a primeira

---

<sup>6</sup> C. V. CATTANEO (cura), *La nuova poesia portoghese*, Roma, Edizioni Abete, 1975. Os poetas nela incluídos são, na ordem de apresentação correspondente a data de nascimento, Herberto Helder, Ruy Belo, Pedro Tamen, Manuel Alegre, Armando Silva Carvalho, Fiama Hasse Paes Brandão, Luíza Neto Jorge, Gastão Cruz, Nuno Guimarães, João Miguel Fernandes Jorge, António Franco Alexandre, Joaquim Manuel Magalhães e Nuno Júdice.

<sup>7</sup> Como explica Bruno Osimo, Torop alarga o conceito de tradução a “*tutti i processi traduttivi, ivi compresi, oltre alla traduzione interlinguistica, anche la traduzione intralinguistica e intersemiotica (...), la traduzione metatestuale (ossia tutti gli elementi che concorrono a dare un’immagine del testo tradotto presenti al di fuori del testo stesso: note, introduzioni, cronologie, prefazioni, postfazioni, voci di enciclopedia, pubblicità, recensioni, critiche) e la traduzione intertestuale (rimandi, citazioni, allusioni, influenze consce e inconscie).*”, Bruno Osimo, “Prefazione” in P. TOROP, *La traduzione totale*, Modena, Guaraldi, 2000, p. 12.

<sup>8</sup> M. G. SIMÕES, “Um tradutor italiano de poesia portuguesa: Carlo Vittorio Cattaneo” in *Estudos Italianos em Portugal*, Nova Série, Lisboa, Instituto Italiano de Cultura, n.º 7, 2012, pp. 75-76.

<sup>9</sup> Pretende-se também com este texto responder ao repto lançado por Jorge Fazenda Lourenço na já citada “Nota prévia” a *Correspondência 1969-1978*: “Oxalá este volume contribua para resgatar, noutras obras, um dos grandes tradutores, críticos e divulgadores da poesia portuguesa”, *Ivi*, p. 11.

obra poética de Jorge de Sena publicada no estrangeiro”<sup>10</sup>, o breve *Su questa spiaggia* (1984), traduzido juntamente com o amigo Ruggero Jacobbi, e o “dittico di poesia tra la più alta del dopoguerra”<sup>11</sup> formado por *Meta-morfosi* (1987) e *Arte musicale* (1993), sendo que só o primeiro livro foi publicado em vida de Sena. Para além de ter vertido igualmente para italiano alguns contos senianos – *Storia del Peixe-Gato* (1987), sobre a qual redigira um extenso ensaio publicado no número 13-14 (e último) da revista *Quaderni portoghesi* dedicado a Sena<sup>12</sup>, e *La notte che era stata di natale* (1990) –, deve-se igualmente a Cattaneo a original mini-antologia do pensamento crítico de Jorge de Sena, publicada no número 5 de *La nuova rivista europea*, na sequência da morte deste<sup>13</sup>.

Como testemunho explícito desta fidelidade cite-se o que diz Cattaneo no epitáfio intitulado “Il mio ricordo di Jorge” publicado na referida revista: “Jorge de Sena è stato per me molto di più d’un genio da studiare e ammirare, molto più d’un maestro da seguire. È stato un amico, un fratello, un padre. Una persona da amare, al di là di ogni merito letterario, per lo straordinario calore umano, per la generosità senza limiti, per la perspicacia addirittura imbarazzante nel capire i moti più segreti dell’animo”<sup>14</sup>. Ou

---

<sup>10</sup> J. F. LOURENÇO, “Jorge de Sena por Carlo Vittorio Cattaneo, na publicação da edição italiana de ‘Metamorfoses’” in *Colóquio/Letras* n.º 98, Lisboa, Fundação Gulbenkian, Jul. 1987, p. 93.

<sup>11</sup> C. V. CATTANEO [Prefazione] in J. DE SENA, *Arte musicale*, Roma, Empiria, 1993, p. 10.

<sup>12</sup> C. V. CATTANEO, “Alcune ipotesi intorno al «Peixe-Pato»” in *Quaderni portoghesi* n.º 13-14, Pisa, Giardini editori, primavera-autunno 1983, pp. 175-200.

<sup>13</sup> Este número da revista em cuja capa figura uma conhecida fotografia de Sena, inclui uma secção de 25 páginas intitulada “In memoriam di Jorge de Sena”, contendo um testemunho de Cattaneo e um conjunto de excertos por este seleccionados e traduzidos de vários textos teóricos de Sena, a saber: “Il fascismo e le idee”, “La poesia e la dignità umana”, “Fingimento e testimonianza”, “Marx, l’uomo e la libertà”, “Per una letteratura universale”, “Machiavelli”, “Michelangelo, Shakespeare e Galileo”, “La sincerità di Rousseau” e “Il concetto di realismo”. Não é difícil intuir o critério que parece ter presidido à selecção dos textos críticos de Sena: por um lado fornecer uma amostra do seu pensamento enciclopédico, dar a conhecer a sua ligação a temas e personalidades europeias e italianas, mas também a sua reflexão sobre o tema da sinceridade e fingimento, central em Pessoa, que naqueles anos começava a ser divulgado em Itália, temas susceptíveis de interessar os leitores de uma revista italiana mas com perfil internacional. Recorde-se que Sena, cujo nome figurava no “Comitato europeo” da revista, certamente por intercessão de Cattaneo, já tinha participado, juntamente com Eugénio de Andrade, Ruggero Jacobbi e o próprio Cattaneo no “Omaggio a Casais Monteiro”, no número 3 da revista de Janeiro-Fevereiro de 1978 (pp. 33-43). Cf. *La nuova rivista europea* n.º 5, Trento, maggio-giugno 1978, pp. 66-91.

<sup>14</sup> C. V. CATTANEO, “il mio ricordo di Jorge”, *Ivi*, p. 67.

ainda, com maior distância objectiva, a síntese que faz da sua obra poética no prefácio a *Arte musicale* (1993): “Per capire a fondo una sua poesia bisogna quindi pensare, esercizio sicuramente arduo per chi vive in una società il cui imperativo di base è: non pensare, consuma. Ciò contribuisce a far capire come mai un così grande scrittore abbia ottenuto finora, in patria e all'estero, dei riconoscimenti assolutamente inferiori ai propri meriti. Ed anche a spiegare la strenua fedeltà di coloro che non hanno esitato ad accettare la sfida (...) che questo scomodo lusitano ha voluto lanciare alla nostra intelligenza”<sup>15</sup>.

Jorge de Sena, por sua vez, “num gesto de apreço e amizade que compensava já, e compensa ainda, a ignorância a que o poeta e tradutor italiano vinha, e vem, sendo, olímpicamente, votado”<sup>16</sup>, e talvez movido também por um senso de gratidão em relação a Cattaneo<sup>17</sup>, traduziu cinco poemas deste, sendo ele o último e de longe o mais novo dos poetas por si seleccionados, e por isso merecendo honras de ser referido no próprio subtítulo da conhecida antologia *Poesia do século XX. De Thomas Hardy a C.V. Cattaneo*<sup>18</sup>. Na notícia biográfico-crítica que lhe dedica afirma: “A sua admirável obra poética, notavelmente carregada de símbolos e de sentidos sobrepostos, representa, na poesia italiana contemporânea, um erotismo e um sarcasmo que, por dentro da tradição «hermética», são um retorno muito lúcido às grandes tradições simbolistas europeias, sem que o poeta perca o contacto «engagé» com uma vivência do tempo presente”<sup>19</sup>. Ora, esta síntese da obra poética de Cattaneo, circunscrita então a dois livros, está em sintonia com alguns temas caros ao próprio Sena – o erotismo e o

---

<sup>15</sup> C. V. CATTANEO in J. DE SENA, *Arte musicale*, p. 11.

<sup>16</sup> J. F. LOURENÇO, “Nota prévia” in SENA-CATTANEO, *Correspondência*, p. 10.

<sup>17</sup> “De todo este importante trabalho, Jorge de Sena viria a ficar-lhe reconhecido e talvez exageradamente generoso ao incluir Carlo Vittorio Cattaneo, não sem surpresa pela sua importância relativa no panorama poético italiano, a encerrar a conhecida antologia de traduções *Poesia do Século XX (De Thomas Hardy a C.V. Cattaneo)*, de 1978. O seu tradutor era também poeta mas sem o reconhecimento desta hiperbólica dimensão.”, M. G. SIMÕES, “Um tradutor”, p. 72.

<sup>18</sup> Os poemas de Cattaneo vertidos para português são: “Virgindade”, “A Roberto no Wisconsin”, “Meditação de Narciso”, “O não-invocado” e “Metamorfoses do verde”, cf. *Poesia do Século XX. De Thomas a C.V. Cattaneo*, tradução, prefácio e notas de Jorge de Sena, Porto, Editorial Inova, 1978. As citações que faremos reportam-se à 3.ª edição (Edições ASA, 2003 pp. 397-401), mais facilmente acessível.

<sup>19</sup> *Id.*, p. 473.

sarcasmo e o tal equilíbrio entre testemunho e circunstancialidade<sup>20</sup> –, pelo que Sena o qual, lembre-se, tinha apadrinhado o seu primeiro livro de poesia, *Distruggioni per l'uso* (1974) escrevendo-lhe o prefácio<sup>21</sup>, terá reconhecido nele, ao dá-lo a conhecer em Portugal, algum parentesco poético, atribuindo-lhe, com a legitimidade que se auto-reconhecia, um lugar numa antologia de poesia universal quando o próprio nunca o tinha tido nem viria a ter numa antologia de poesia italiana.

Para lá das motivações que terão levado Sena a incluir Cattaneo no seu projecto de poesia mundial, reside talvez aqui o grande equívoco das relações culturais entre Itália e Portugal: a tradução de um poeta português em Itália fica muito aquém da projecção e do reconhecimento do que se pode supor, muito menos do que aconteceria em Portugal em relação à tradução de um poeta italiano. O próprio facto de Cattaneo ter sido reconhecido em Portugal como crítico e tradutor ao ponto de ter tido voz em importantes órgãos de difusão cultural lusitanos é algo que seria seguramente impensável acontecer a um crítico português em Itália<sup>22</sup>. Isto porque o meio cultural italiano é muito mais complexo e multifacetado mas também muito mais fechado e elitista do que o nosso. Com este grande equívoco se debate de resto ainda hoje a esmagadora maioria dos projectos de tradução para italiano de poetas portugueses, que se podem multiplicar infinitamente mas acabam por não entrar verdadeiramente nos circuitos mais prestigiosos ou chegar às editoras de primeiríssimo plano. Apesar de todo o seu trabalho altamente meritório e dos contactos privilegiados que tinha – sobretudo Luciana Stegagno Picchio e Ruggero Jacobbi que considerava “o meu Jorge italiano”<sup>23</sup> –, Cattaneo pouco mais podia fazer do muito que fez, não porque não lhe faltasse competência,

---

<sup>20</sup> O uso do adjectivo “engagé” (“com a vivência do tempo presente”) em contraposição à referência à matriz “hermética” da poesia de Cattaneo parece-nos especialmente importante, à luz do significado que adquire a conceito de hermetismo na enciclopédia de um anti-fascista como Sena: “uma poesia sábia e intimista que se desenvolveu durante a época fascista, como um refúgio contra as orientações oficiais, se bem que muitos dos «herméticos» tenham sido eles mesmos fascistas” in *Poesia do século XX*, p. 420.

<sup>21</sup> Apesar das nossas diligências, não conseguimos até ao momento ter acesso ao primeiro livro de poesia de Cattaneo.

<sup>22</sup> Em Portugal, para além da *Colóquio/Letras*, Cattaneo colaborava nas páginas culturais do semanário *Expresso*, estando prevista a reunião e publicação dos seus textos críticos numa edição da IMCM a qual, por extravio do original, nunca se veio a concretizar, como lembra Jorge Fazenda Lourenço (cf. SENA-CATTANEO, *Correspondência*, p. 10).

<sup>23</sup> *Ivi*, p. 566.

mas simplesmente porque o polissistema italiano é fundamentalmente impermeável a uma cultura tida como periférica e envolta num aura ancestral com “cheiro delicado a cânfora e a bafio” como disse uma vez Emilio Cecchi, como era então considerada a portuguesa, desprovida do prestígio de uma literatura francesa, inglesa, alemã ou espanhola e sobretudo sem agentes culturais suficientemente fortes e conhecedores nos circuitos mais importantes (fora os atrás referidos), interessados em promovê-la<sup>24</sup>. Por esse motivo, sendo a literatura portuguesa por que tanto pugnou pouco mais do que marginal, sendo o próprio Cattaneo um poeta marginal<sup>25</sup>, não podia ser mais do que um tradutor marginal em Itália, por mais que isso nos custe admitir.

Apesar disso, e embora o nome de Sena não se tenha propriamente consolidado no imaginário literário transalpino como pretendia o seu tradutor, é inegável que ainda hoje em Itália algo resta do exemplar trabalho pioneiro levado a cabo por Cattaneo<sup>26</sup>. Curiosamente, os anos em que ele se afirmará como tradutor são justamente os anos da explosão do caso literário Pessoa em Itália, o único poeta português a ter tido até hoje uma verdadeira penetração no mercado editorial italiano, graças também aos méritos e aos contactos de Luciana Stegagno Picchio e depois à projecção que lhe soube dar Antonio Tabucchi. Cattaneo mantém-se voluntariamente (?) à margem desta operação<sup>27</sup>, o que significa que todos

---

<sup>24</sup> Veja-se como em Portugal era muito mais simples para um italiano ser promovido nos meios culturais, algo de que Cattaneo estava bem consciente, como o comprova o comentário expresso a 13/10/1973: “fui tão bem propagandeado, como tradutor, por si e por Eugénio [de Andrade], que muita gente não teria interesse em atacar-me (uma tradução em italiano deixa todos com água na boca).”, SENA-CATTANEO, *Correspondência*, p. 256.

<sup>25</sup> Cattaneo alude à possibilidade, graças à intercessão de Luciana Stegagno Picchio, de publicar alguns poemas seus na prestigiosa revista *Nuovi Argomenti* dirigida por Alberto Moravia e Pier Paolo Pasolini (*Ivi*, p. 178). Não nos foi possível localizar nenhuma sua poesia nos números consultados.

<sup>26</sup> Digitando o nome Jorge de Sena no google italiano, para além dos livros seus dispersos por várias bibliotecas, surgem algumas surpresas: uma delas encontra-se no blog *Strani giorni* ([ettorefobo.blogspot.it/2012/01/esorcismi-jorge-de-sena.html](http://ettorefobo.blogspot.it/2012/01/esorcismi-jorge-de-sena.html)) cujo autor, no dia 14 de Janeiro de 2012, dedica um texto precisamente ao volume *Esorcismi*, comprado na *Libraccio*, uma cadeia de livrarias italianas especializadas em fundos de edição.

<sup>27</sup> Veja-se a este propósito o caso da participação de Cattaneo nos dois primeiros números da revista pisana *Quaderni portoghesi*, dirigida por Luciana Stegagno Picchio, ambos dedicados a Fernando Pessoa, verdadeira oficina da operação de divulgação da sua obra em Itália. Cattaneo, que tinha trabalhado na tradução de dois ensaios (veja-se carta de 5/2/1977), lamenta-se em nova carta a Sena de 22/11/77: “Sabe como acabou a história do meu ensaio sobre Pessoa para a revista da Luciana [...]? Não foi incluído no n.º 2 mas

os outros autores que por opção, reacção ou coerência íntima, decidiu traduzir, multiplicando-se em iniciativas, acabaram por ficar na sombra do fenómeno pessoano.

Mesmo o propalado prémio literário Etna-Taormina atribuído em 1977 a Sena, por mais que nos iludamos com a importância que esse reconhecimento possa ter tido, era um prémio entre tantos que sempre existiram em Itália, sem – estamos em crer – uma verdadeira projecção nacional. E acima de tudo, se a tradução de *Esorcismi* foi instrumental, porque permitiu ao júri o acesso a uma tradução italiana da poesia de Sena, o verdadeiro mérito pela atribuição do galardão deve ser atribuído, mais do que a Cattaneo, a Ruggero Jacobbi e tinha contactos mais profícuos e importantes no rarefeito panorama cultural italiano<sup>28</sup>. Apesar da consciência que certamente tinha desta limitação endémica, Cattaneo não deixou de tentar sempre divulgar a poesia portuguesa em Itália com todos os meios que tinha à disposição e lutando ainda por cima contra a ignorância e o desinteresse, o que é ainda mais louvável, e sobretudo fazer tudo o que estava ao seu alcance para que Sena fosse minimamente conhecido no meio cultural transalpino, como o prova a amostra do seu pensamento crítico que publica na já referida *Nuova rivista europea*, na esperança de “lasciare un pizzico di curiosità nel lettore e, chissà? in qualche editore non completamente assorbito dalla ricerca di best-seller americani”<sup>29</sup>.

Como ilustra a *Correspondência*, esta dedicação nasce no final de 1969 quando Cattaneo contacta pela primeira vez, por carta, Jorge de Sena por sugestão da sua orientadora, Luciana Stegagno Picchio, numa altura em que se preparava para redigir a sua tese de licenciatura<sup>30</sup>. A relação

---

no n.º3. Mas o n.º3 não será sobre Pessoa. Conclusão: não será já publicado. Poupo-o a óbvios comentários.”, SENA-CATTANEO, *Correspondência*, p. 528.

<sup>28</sup> Veja-se por exemplo carta de Cattaneo a Sena datada de 16/3/1977: “Esta manhã falei com Ruggero, que me disse que os membros mais influentes do júri do Prémio já chegaram a um acordo particular de atribuir o prémio a si.”, *ivi*, p. 495.

<sup>29</sup> C. V. CATTANEO, “il mio ricordo”, p. 71.

<sup>30</sup> É curioso notar que Cattaneo se apresenta a Sena com alguma auto-ironia, como estudante “com a obrigação de se licenciar” mas também, não sem uma certa presunção, como poeta: “chamo-me Carlo Vittorio Cattaneo e [...] encontro-me, na venerável idade de vinte e oito anos, na obrigação de me licenciar em Letras com uma tese em Literatura Portuguesa. A tese versa sobre a sua obra poética [...] Dado que sou um tipo sincero e gosto de falar claro, digo-lhe desde já que escolhi trabalhar a sua obra poética porque penso que a coisa é interessante e me poderá, além disso, ajudar a enquadrar melhor determinados problemas que considero vitais para a evolução da minha poesia. Se as suas



epistolar com Sena, que assumirá também contornos muito pessoais como foi notado por Joana Meirim<sup>31</sup>, configurar-se-á progressivamente para Cattaneo como meio privilegiado e quase exclusivo de esclarecer dúvidas de tradução com um autor situado noutra continência, no interior de um quadro de assumida complementaridade entre a sua actividade de tradutor e a de crítico<sup>32</sup>. Encarando a *tradução como crítica*<sup>33</sup>, o estudioso saberá dar voz por um lado, através da *tradução poética*, ao vocabulário seniano e promover o conhecimento, através da *tradução metatextual*, por outro, da enciclopédia seniana, em prefácios e introduções<sup>34</sup> que o tornariam num dos melhores exegetas em absoluto da sua obra.

É disso prova a capacidade que teve Cattaneo de privilegiar, de entre as variadíssimas isotopias semânticas que atravessam a poesia seniana, uma *dominante* implícita como base da sua actividade tradutiva – o *testemunho* como princípio de criação poética – remetendo e explicitando as outras, não menos importantes, para o aparato metatextual, como o comprova a esplêndida síntese da obra poética seniana que aparece no já referido prefácio a *Arte musicale*: “La produzione poetica è il più chiaro esempio sia della vastità della scelta tematica sia della varietà di soluzioni tecniche adottate. Incontriamo il tema speculativo e quello sarcastico, l’amore domestico e il sesso da trivio, la descrizione paesaggistica e l’indignazione politica, la notazione erudita e l’invettiva plebea, lo struggimento dell’esule e la spigliatezza da cittadino del mondo, il complesso rapporto con la divinità e l’ironica esaltazione del diavolo, la meditazione su opere figurative o

---

poesias não me tivessem interessado teria tranquilamente escolhido um outro poeta.”, Carta de 15/12/1969 in SENA-CATTANEO, *Correspondência*, p. 41.

<sup>31</sup> “Jorge de Sena é, para Cattaneo (e não apenas pela diferença de idades), um pai com tudo o que há de positivo numa relação deste género: não é o pai *poético*, o que evita a angústia da influência; e não é um pai *paternalista*, dando conselhos, sugestões e incentivos, sem complexos de superioridade moral”, J. MEIRIM, “Jorge de Sena, profeta em Itália”, *Ivi*, p. 23.

<sup>32</sup> Veja-se os esclarecimentos prestados por Sena às dúvidas de tradução de Cattaneo expressas em carta datada de 4/10/1972, cf. *Ivi*, pp. 167-174.

<sup>33</sup> “Questa forma di critica implicita deriva da una certa affinità tra l’attività critica e quella traduttiva: da una parte, «i critici sono traduttori», nel senso che la critica quanto la traduzione hanno una funzione mediatrice, con la sola differenza che la critica è più astratta e teoricamente frammentaria, ossia nella critica si parla del testo, mentre nella traduzione è il testo stesso a parlare.”, P. TOROP, *La traduzione totale*, p. 57.

<sup>34</sup> “Di conseguenza, la parte fondamentale dell’originale viene tradotta nel testo della traduzione, ma alcune parti o aspetti possono essere «tradotti» nel commentario, nel glossario, nella prefazione (...) e così via”, *Ivi*, p. 129.

musicali e la descrizione degli aspetti più volgari dell'uomo. L'elenco è ovviamente molto più lungo, ma basti ricordare che la teoria della *testimonianza* nel corso degli anni s'integrerà con il concetto di *circostanzialità*; ciò significa che ogni *circostanza* dell'esistere, dalla più importante alla più banale, viene ritenuta degna di essere esaminata ed eventualmente tradotta in poesia<sup>35</sup>.

Já na primeira obra dedicada a Sena, *Esorcismi*, antologia que inclui poemas representativos de todas as suas colectâneas saídas até então (com a excepção da então recente *Conheço o sal... e outros poemas*, de 1974), Cattaneo tinha sabido focalizar na primeira apresentação do poeta português a um leitor italiano, os pontos-chave da evolução poética seniana, como de resto notou Fernando Guimarães na recensão ao volume<sup>36</sup>: “Evolvendosi, la teoria del *testemunho* tendeva a focalizzarsi in quella della *circostanzialità* (...); da un impegno esistenziale circoscritto ai grandi temi dell'umanità il poeta stava convergendo verso una partecipazione più attiva che rendesse ideologicamente conto della sua presenza nell'ambito della società [...]. Lo spostamento verso la *circostanzialità* ha avuto sulla poesia di Jorge de Sena una ripercussione di grande evidenza [...] ha cioè amplificato al massimo la sua aggressività demistificatoria col risultato di violenta polemicità ogni argomento, dal sesso alla politica dalla memoria alla filosofia. Come indica lo stesso titolo della raccolta, lo scopo primo di ogni composizione è quello di esorcizzare i mali dell'uomo e della società traendoli fuori dall'involucro di ipocrisia dove si nascondevano ed esponendoli a nudo con diretta brutalità”<sup>37</sup>.

Mas cumpre-nos voltar aos primeiros passos da relação epistolar com Sena para detectar nesse núcleo inicial, o embrião da evolução de Cattaneo em direcção a uma maturidade interpretativa como “senólogo”<sup>38</sup> e à plena assunção da sua actividade de tradutor, algo que alguém, com 28 anos, não

---

<sup>35</sup> J. DE SENA, *Arte musicale*, p. 9.

<sup>36</sup> “A interpretação que Cattaneo nos dá da poesia de Jorge de Sena desenha-se a partir de algumas linhas de equilíbrio que nela detecta e que se poderiam representar por um jogo de complementaridade entre a valorização intencional da imaginação (sob a «luciferina insígnia do *voyant*», que proviria do interesse tantas vezes manifestado por Sena, relativamente a Rimbaud) e a do testemunho (sob a insígnia do célebre apelo goethiano para que os poemas sejam circunstanciais) entre a subjectividade e o «tu essencial» para que aponte o próprio acto de mediação da linguagem e, finalmente, entre o «lirismo especulativo do poeta», no limiar dum anticonformismo, e a sua «habildade formal».”, F. GUIMARÃES, “Jorge de Sena. *Esorcismi*?” in *Colóquio/Letras* n.º 33, Set. 1976, p. 93.

<sup>37</sup> C. V. CATTANEO, Prefazione a J. DE SENA, *Esorcismi*, Milano, Accademia, 1975.

<sup>38</sup> J. MEIRIM, “Jorge de Sena, profeta em Itália” in SENA-CATTANEO, *Correspondência*, p. 22.

podia compreensivelmente ainda ter. O estímulo de Sena, como atesta a *Correspondência*, parece-nos ter sido preponderante nesse crescimento intelectual e na progressiva e inevitável emancipação em relação à sua antiga orientadora, Luciana Stegagno Picchio<sup>39</sup>. Com a publicação da *Correspondência*, reconhecer-se-á hoje a Cattaneo o estatuto de um par de Sena, com quem partilha um conjunto de interesses e práticas comuns a dois sistemas literários, que ambos tentaram pôr em comunicação, mas na realidade tratava-se, pelo menos inicialmente, da troca de correspondência entre um estudante-trabalhador, incerto do seu futuro, e um escritor afirmado, já na meia-idade e com uma forte consciência do seu estatuto. Nota-se aliás por parte de Cattaneo, uma certa resistência em reconhecer-se no seu trabalho de tese e uma notória aversão à actividade crítica, nomeadamente em relação a abordagens estruturalistas, muito em voga nesses anos. Era previsível que estas duas facetas da sua actividade intelectual – poeta e crítico de poesia – acabassem por entrar em conflito, porque fundamentalmente inconciliáveis nos termos em que a questão se põe para Cattaneo<sup>40</sup>. Como diz sem falsa modéstia na segunda carta enviada a Sena, datada de 18/1/1970, “estou convencido que sou mais dotado para a poesia que para a crítica e confesso-lhe francamente que não tinha uma grande opinião do meu trabalho. Porém, dada a unanimidade dos consensos autorizados, ainda acabarei por... me convencer a militar, espero que temporariamente apenas, na execranda fileira dos críticos”<sup>41</sup>.

Ao falar em “execranda fileira de críticos”, Cattaneo parece dirigir-se a Sena nos seus próprios termos, talvez porque nutrisse legítimas aspirações de reconhecimento como poeta<sup>42</sup> não sem que ao mesmo tempo deixasse

---

<sup>39</sup> Diga-se que inicialmente Luciana Stegagno Picchio pensara em traduzir a poesia de Sena “a quattro mani” com Cattaneo, comprometendo-se também em encontrar uma editora disposta a publicar o livro. A ilustre lusitanista acabou por abdicar do projecto de tradução, em favor do seu aluno, não deixando no entanto de encontrar-lhe uma editora que veio a ser, como se sabe, as Edizioni Accademia, numa colecção dirigida pelo hispanista Giuseppe Bellini, que já tinha publicado a antologia pessoana *Imminenza dell'ignoto* organizada por Luigi Panarese (1972) e a antologia *De Pessoa a Oliveira* organizada por Giuseppe Tavani (1973).

Veja-se <http://www.lerjorgedesena.letas.ufrrj.br/antologias/escritos-pessoais/correspondencia-inedita-com-luciana-stegagno-picchio-e-carlo-vittorio-cattaneo/>

<sup>40</sup> Veja-se a este propósito a crise existencial por que passa Cattaneo, contada por este a Sena nas cartas de 29/8/1977 e de 22/11/1977.

<sup>41</sup> SENA-CATTANEO, *Correspondência*, p. 46.

<sup>42</sup> Veja-se o comentário de Cattaneo ao resultado de um concurso de poesia em que tinha participado (carta de 9/11/1971): “Alcançaram o prémio de poesia em primeiro lugar os

transparecer alguma descrença nas instituições culturais e demonstrasse mesmo uma agressividade desmistificatória em relação ao *establishment*<sup>43</sup>, atitude a que Sena não poderia certamente ficar indiferente, tendo em conta que ele considerava “a cáfila universitária, uma das máfias mais torpes do universo”<sup>44</sup>. Porém, em resposta às reticências de Sena sobre a oportunidade de basear a sua tese na análise do poema “Imensos de searas...” (“Não me parece, francamente, que o poema seja suficientemente representativo da minha poesia.”), o então estudante não deixará de rebater ponto por ponto o parecer do renomado autor português, reivindicando quase com irreverência a importância aquilo a que Eco viria a chamar alguns anos mais tarde a “cooperação interpretativa do leitor”: “No que diz respeito a todas as outras hipóteses, não as posso aceitar, porque mudariam radicalmente toda a minha interpretação da poesia. Com isto não quero dizer que o senhor não afirme coisas exactas. [...] O facto é que o senhor, como autor, quis dizer com aqueles versos certas coisas e agora, como leitor, vê neles essas mesmas coisas. Eu, como leitor não autor, vi neles outras diferentes e aceitei-as porque a análise que «eu» fiz me convence da minha interpretação”<sup>45</sup>.

Curiosamente, é nesta mesma carta em que reivindica a sua autoridade como leitor da poesia de Sena, não se deixando condicionar pelo prestígio do seu interlocutor vinte e dois anos mais velho e estabelecendo talvez com isso as premissas de uma relação intelectual que será baseada no respeito mútuo, que Cattaneo anuncia pela primeira que entre os seus “projectos mais imediatos está precisamente uma antologia bilingue da sua obra poética”<sup>46</sup>. Apesar de admitir que a tese foi “uma luta propriamente dita” com a poesia de Sena<sup>47</sup>, a tradução tem todo o aspecto de ser a

---

nomes do costume (que surpresa!), eu tive uma pequena menção”; ou o seu desabafo (carta de 5/2/1977): “É absurdo que, quanto mais quero ser poeta, mais me querem todos no papel de tradutor, crítico ou conferencista.”, SENA-CATTANEO, *Correspondência*, pp. 74 e 490.

<sup>43</sup> Veja-se o comentário ao parecer negativo da editora Mondadori a quem tinha submetido um seu livro: “Não é uma coisa sinistra? No entanto, dá-me a saber que sou um juvenzinho no seu primeiro livro. Que o leitor mondadoriano soubesse das minhas crises e quisesse consolar-me? Espero que o seu experimentadíssimo estômago para este concentrado de merda.”, *ivi*, p. 534.

<sup>44</sup> *Ivi*, p. 555.

<sup>45</sup> *Ivi*, p. 47.

<sup>46</sup> *Ibid.*

<sup>47</sup> *Ivi*, p. 63.

solução de compromisso encontrada por Cattaneo para superar o impasse entre o gosto pela poesia e o desdém pela crítica institucional da poesia, e a ir ao encontro das motivações que alegara na sua primeira apresentação àquele que viria a ser o seu poeta de estimação: “trabalhar a sua obra poética porque penso que a coisa é interessante e me poderá, além disso, ajudar a enquadrar melhor determinados problemas que considero vitais para a evolução da minha poesia”<sup>48</sup>. Ou seja, poder praticar e reflectir sobre poesia mas ao serviço de Sena, isto é, ser o seu *tradutor total*.

---

<sup>48</sup> *Ivi*, p. 41.